

Facebook: recepção e conflitos entre identidades mestiça e negra no seriado “sexo e as negas”

Facebook: reception and conflicts between mixed race and black identities in the series "sex and the blacks"

Viritiana Aparecida de Almeida¹

Andréa Rosendo da Silva²

Nelson Rosário de Souza³

Resumo: O seriado brasileiro intitulado “Sexo e as Negas” é uma paródia do *sitcom* norte americano “Sex and the City”. Seu criador, Miguel Falabella, foi criticado por racismo. Para os críticos a obra reproduz o estereótipo das mulheres negras brasileiras ao enfatizar, sobretudo, a sexualidade. As críticas ganharam visibilidade nas redes sociais, principalmente, no *Facebook*. O objetivo desse trabalho é analisar o conteúdo das mensagens dos usuários a fim de responder ao seguinte questionamento: quais disputas discursivas aparecem no debate do *Facebook*? É possível reconhecer, nos embates, a contraposição entre a imagem hegemônica de identidade nacional mestiça e a emergência de uma identidade negra brasileira? Parte-se da hipótese de que a disputa discursiva em torno do seriado “Sexo e as Negas” revela a tímida emergência do discurso da identidade racial negra brasileira. A investigação busca suporte teórico nos conceitos de esfera pública e democracia digital. Os dados foram analisados a partir de metodologias quantitativas e qualitativas. Revelou-se que o discurso da identidade brasileira é fluido e instável.

Palavras chave: Discursos, mestiçagem, identidade negra, Sexo e as Negas, mídias

Abstract: The Brazilian series entitled "Sexo e as Negas" is a parody of the US sitcom “Sex and the City”. Its creator, Miguel Falabella, was criticized for racism. To critics the work reproduces the stereotype of Brazilian black women by emphasizing, especially sexuality. The criticism gained visibility in social networks, especially on Facebook. The criticism gained visibility in social networks, especially on Facebook. The aim of this study is to analyze the content of the user's posts to answer the following

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná PPGCP (UFPR). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UFPR) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Midiaculturas, Poder e Sociedade”, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (CPOP) | Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR (PPGCP/UFPR). E-mail: viritianaalmeida@gmail.com

² Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM/UFPR) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Midiaculturas, Poder e Sociedade” (CPOP/PPGCP/UFPR). E-mail: deárosendo@gmail.com.

³ Professor doutor dos Programas de Pós-Graduação em Ciência Política e em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenador do Grupo de Pesquisa “Midiaculturas, Poder e Sociedade” (CPOP/PPGCP/UFPR). E-mail: nrdesouza@ufpr.br.

question: what discursive disputes appear on Facebook debate? In clashes is it possible to recognize the contrast between the hegemonic image of national mestizo identity and the emergence of a black Brazilian identity? The hypothesis is that the discursive dispute in focus reveals the timid emergence of the discourse of Brazilian black racial identity. Research seeks theoretical support in the concepts of public sphere and digital democracy. Data were analyzed from quantitative and qualitative methodologies. It was revealed that the discourse of Brazilian identity is fluid and unstable.

Keywords: Speeches; miscegenation, black identity, “Sexo e as Negas”, media

Introdução

A prática da mestiçagem biológica e cultural no mundo é um dado antigo, mas no Brasil a mesma foi utilizada para manter as hierarquias raciais, conforme afirma Munanga (2008). Com base nesse discurso, os movimentos negros criticaram Freyre (2006) por retratar de forma harmoniosa a prática da mestiçagem entre vencidos e vencedores. Moehlecke (2003), citando Abdias do Nascimento, afirmou que este criticou a narrativa da harmonia entre raças e classes distintas, exaltando o argumento do preconceito racial e da ausência de negros nos altos postos de prestígios. Em decorrência disso, Moehlecke (2003), ao recorrer ao pensamento de Abdias do Nascimento defendeu a implementação de políticas de ações afirmativas (AA's) raciais para negros no mercado de trabalho, na mídia e no Congresso Nacional. A demanda por AA's provocou reações de diversos setores da sociedade. Manifestos contrários e favoráveis às AA's foram entregues às Casas Legislativas pedindo o posicionamento dos parlamentares. A recusa dos deputados em reconhecer a necessidade da AA's levaram os movimentos negros brasileiros na marcha intitulada Zumbi dos Palmares, ocorrida em 1995, em Brasília, -realizada com o objetivo de pressionar o governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) - a reconhecer o racismo brasileiro.

Ao reconhecer o racismo, FHC promoveu em 1996 o seminário “Multiculturalismo e Racismo: o Papel da Ação Afirmativa nos Estados Democráticos Contemporâneos” a fim de verificar a possibilidade de implementar as AA's no Brasil. Entretanto, a maior parcela dos intelectuais que participaram deste evento foi contrária às AA's. Fato que inibiu as ações de FHC. Diante disso, os movimentos sociais negros denunciaram a prática do racismo para as Organizações das Nações Unidas (ONU). Esta organização convocou a “III Conferência Mundial de Combate ao Racismo,

Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata”, ocorrida em 2001, na cidade de Durban, na África do Sul.

A ação Durban orientou o Estado brasileiro a implementar as AA’s, possibilitando, dessa forma, reduzir as desigualdades sociais e raciais no país. Em face disso, algumas universidades públicas, em diálogo com alguns movimentos sociais negros, aderiram, de forma autônoma, às cotas raciais e sociais. Essa adesão levou o partido Democrata (DEM) a impetrar perante o Supremo Tribunal Federal (STF) o instrumento jurídico denominado ‘Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental’ (ADPF 186), alegando a inconstitucionalidade da AA’s com base nos seguintes discursos: a) raça não existe; b) desigualdade é econômica; as AA’s vão promover conflito racial; d) AA visa desqualificar o discurso da nação mestiça, isto é, da democracia racial (FERES JUNIOR et al., 2010).

Com a finalidade de julgar a ADPF186, os ministros da suprema corte convocaram quarenta e nove especialistas em AA’s para subsidiá-los na tomada de decisão. Por unanimidade, os juízes votaram pela constitucionalidade das AA’s. O ministro Gilmar Mendes, à época, questionou se o Brasil não estava abandonando a ideia muito difundida de nação mestiça e caminhando rumo à de uma nação bicolor.

As AA’s também foram incorporadas no Estatuto da Igualdade Racial⁴ (Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010). Após 10 anos de tramitação, o texto aprovado da lei retirou o percentual de cotas para negros na mídia. A redação final do documento⁵ orienta, apenas, que os meios de comunicação terão que garantir participação de negros em filmes e peças publicitárias. O Capítulo VI (“Dos meios de comunicação”), do Estatuto dispõe, no artigo 44, que “deverá ser adotada a prática de conferir oportunidades de emprego para atores, figurantes e técnicos negros, sendo vedada toda e qualquer discriminação de natureza política, ideológica, étnica ou artística”, quando da produção de filmes e programas destinados à veiculação pelas emissoras de televisão e em salas cinematográficas.

O Estatuto visa contribuir para a visibilidade da população negra na mídia, mas esta pode continuar sendo sub-representada, pois a Lei 12.288 não obriga as empresas a contratar representantes daquela etnia em filmes, peças de teatro, programas veiculados

⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm

⁵ Apesar dos marcos legais e outros documentos relacionados às Ações Afirmativas recorrer ao termo ‘Cotas Raciais’, não há no Estatuto da Igualdade Racial menção ao termo na íntegra do documento

pelas emissoras de televisão e em peças e anúncios publicitários veiculados na televisão ou apresentados em cinemas⁶. A lei foi questionada por movimentos sociais negros, pois as cotas nos espaços sociais midiáticos, sobretudo nas telenovelas, representavam os anseios do Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan) e as reivindicações históricas do movimento sociais negro, uma vez que contribuíam, conforme argumenta Gomes (2008), como um “mecanismo legítimo de ressemantização dos estereótipos e folclorizações presentes nas formas de representação dos negros no imaginário social da população brasileira⁷” (GOMES, 2008, p.48).

Assim, baseado no debate das ações afirmativas mencionadas, o objetivo deste trabalho é analisar as controvérsias discursivas em torno do seriado “Sexo e as Negas” no Facebook envolvendo a temática da identidade mestiça, construída socialmente como o ideário nacional, e da identidade negra. Parte-se da hipótese de que a disputa discursiva em torno da ficção seriada revela a tímida emergência do discurso da identidade racial negra brasileira.

O seriado *Sexo e as Negas* é uma paródia do *sitcom* estadunidense “*Sex and the City*”. Transmitido nos Estados Unidos, de 1998 a 2004, pela cadeia HBO - canal de televisão por assinatura norte-americano, de propriedade da Time Warner, *Sex and the City* retratava a liberdade sexual de quatro mulheres brancas de classe média alta de Nova York.

O seriado brasileiro “Sexo e as Negas”, que estreou em 16 de setembro de 2014, retratou o cotidiano de quatro mulheres negras⁸ que residiam na cidade alta de Cordovil, comunidade (favela) localizada no estado do Rio de Janeiro. Zulma é negra, tem um relacionamento afetivo com Elder - também negro - e ambos trabalham numa empresa de produção artística. Ela engravida de Elder e no final do seriado eles se casam. Lia, mulher negra, tem uma filha parda, fruto do casamento com Alaor, homem branco e

⁶ O projeto de lei 4370/98, do deputado Paulo Paim (PT-RS), deu origem ao Estatuto da Igualdade Racial. O texto obrigava a presença mínima de 25% de afrodescendentes entre os atores e figurantes dos programas de televisão peças de teatro e de 40% nas peças publicitárias apresentadas nas tevês e nos cinemas.

⁷ GOMES, I. B. A. A ameaça simbólica das cotas raciais na mídia brasileira: o negro nas telenovelas. São Luís: UFMA, 2008. Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/591/1/IGOR%20BERGAMO%20ANJOS%20GOMES.pdf>>

⁸ A partir do censo de 1991, com a inclusão da categoria indígena, a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passa a ser de “cor ou raça”. Das cinco categorias definidas - branco, pardo, preto, amarelo e indígena – os negros são classificados em pretos e pardos.

comandante do tráfico de drogas em Cordovil. Soraia e Matilde são pardas⁹. A primeira é solteira, trabalha como cozinheira e acumula na personagem o perfil da “mulata quente”, ou seja, que remete àquela ideia da “sensualidade da raça”, a qual está no imaginário da sociedade brasileira, sobretudo por conta da hipersexualização da mulher negra, primeiro no cinema, como pode ser verificado no filme *Chica da Silva*¹⁰ e, posteriormente na televisão, como foi retratado neste seriado e em outros programas da Rede Globo. Matilde, por sua vez, sonha cursar matemática na universidade, e é noiva de Adilson, homem branco pobre.

Para investigar as provocações do seriado no imaginário social brasileiro, o artigo apresenta uma estrutura na qual demonstra, num primeiro momento, o debate em torno da nação mestiça no território brasileiro e, em seguida, a contraposição dessa narrativa pelos movimentos sociais negros. Na sequência, explicita a análise empírica dos dados extraídos do seriado “Sexo e as Negras” e das postagens do “Facebook”, tendo em vista os conceitos de democracia digital e esfera pública e a análise de conteúdo como aporte metodológico. Na conclusão, apresentam-se os caminhos para a ampliação do debate sobre a relação entre a identidade nacional mestiça e a atual “afirmação” da identidade negra, visando investigar se a sociedade brasileira está ou não se articulando - e colocando em curso - a construção de uma nação bicolor.

O mito da democracia racial e a emergência em repensar a identidade nacional e a identidade negra na TV brasileira

O conceito de democracia racial ganha visibilidade com os estudos do sociólogo Freyre (2006). Este contestou os discursos científicos fundamentados no determinismo biológico e defendeu que o processo de escravização do negro e do índio possibilitou uma relação de complementaridade entre africanos, indígenas e portugueses. Para Freyre (2006), os portugueses eram dotados de três características que fomentaram uma dominação mais branda, ou seja, miscibilidade, mobilidade e adaptabilidade climática.

⁹ O Grupo de Pesquisa Midiaculturas, Poder e Sociedade, seguindo a classificação do IBGE, atribuiu as duas personagens o conceito de parda por entender que o fenótipo das atrizes que as representam se diferenciam das personagens Lia e Zulma.

¹⁰ Filme brasileiro de 1976, dirigido por Carlos Diegues, que contava a história, de forma romaneada, da escrava Chica da Silva, a qual foi interpretada pela atriz negra Zezé Motta.

Essas características permitiram a mistura biológica, social e cultural com os povos negros.

A concepção de que existe harmonia entre brancos e negros no Brasil, especialmente em decorrência da relação sexual entre patriarcas e negras está descrito no capítulo “O escravo na vida sexual e da família brasileira” na obra de Freyre (2006). Este autor, ao estudar o africano no país, afirma que as negras tinham uma predisposição psicológica e física para as relações sexuais com os senhores, uma vez que eram extrovertidas, ao contrário das indígenas. E descreve a harmonia sexual, social e racial entre senhor de engenho e as negras, bem como a necessidade de se incentivar a união entre homens brancos pobres e pretas.

Os senhores cobriam as escravizadas, ou seja, suas amantes, de presentes, dentre os quais “pulseiras, rodilhas ou turbantes” (FREYRE, 2006, p. 396). Esses presentes, no entanto, afirma o autor, não podem ocultar a outra face da moeda - o fato de que os colonizadores abusavam das negras “através de formas sadistas de amor que tanto se acentuaram entre nós, em geral atribuída a luxúria africana” (FREYRE, 2006, p. 404). A relação sexual mantida entre escravizadas e senhores, levava as “sinhás-moças a arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los a presença do marido, a hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco” (FREYRE, 2006, p. 421). As escravizadas, companhia das sinhás- donas, “eram exclusivamente escravas passivas; sua submissão muçulmana diante dos maridos, a quem se dirigiam sempre com medo, tratando-os de senhor, talvez constituíssem estímulos poderosos aos sadismos das sinhás” (FREYRE, 2006, p. 421).

As mulheres brancas, porém, sofriam sadismos por parte dos senhores esposos. Há relatos de que as mulheres brancas roçavam com os negros, então a moral paterna intervinha “castra-se com faca mal afiada o negro ou mulato, salga-se a ferida, enterram-no vivo depois. A rapariga, com um dote reforçado, casa-se com o primo pobre” (FREYRE, 2006, p. 422).

Também havia relações incestuosas entre “filho branco e a filha mulata do mesmo pai” (FREYRE, 2006, p. 424). Tal fenômeno ainda ocorria entre “tio com sobrinha; de primo e prima. Casamentos cujo fim era impedir a dispersão dos bens materiais e conservar a limpeza do sangue de origem nobre” (FREYRE, 2006, p. 425).

Outro relato de FREYRE (2006) é o fato de meninos desde cedo serem obrigados a manter relações sexuais com negras. Os pais consideravam boa tal prática, pois aumentava o rebanho e o capital paterno. “Se este foi sempre o ponto de vista da casa grande, como responsabilizar-se a negra da senzala pela depravação precoce do menino nos tempos patriarcais? O que a negra fez foi facilitar a depravação com sua docilidade de escrava; abrindo as pernas ao primeiro desejo do sinhô-moço. Desejo, não: ordem” (FREYRE, 2006, p. 456).

Muitas negras que conseguiram sua alforria ganhavam dinheiro com o corpo. Nesse processo vinha uma “tropa” de mulatinhos. O “corpo da mulher negra era um *membrum virile* nas mãos do senhor branco” (FREYRE, 2006, p. 518). No entanto, havia mulheres negras que devido a sua postura diante dos homens brancos tornaram-se “concubinas dos brancos; e não apenas exclusivamente de animais engordadores nas senzalas para o gozo físico dos senhores e aumento do seu capital-homem” (FREYRE, 2006, p. 518).

Os estudos deste autor foram apoiados pelo governo de Getúlio Vargas, especialmente após o golpe de 1937. A constituição de uma nação brasileira unitária, acima das diferenças étnicas, tratadas como amálgamas de culturas e raças, foi classificada por Gilberto Freyre como mestiçagem, o que contribuiu para que o Estado dirigido por Vargas promovesse algumas formas culturais e desconsiderasse outras.

Segundo Costa (2001), a ideologia da mestiçagem, que engloba o discurso da democracia racial como política de Estado, entrou em decadência. Assim sendo, o discurso de raça foi desqualificado, apesar da ação e hierarquias sociais continuarem operando (COSTA, 2001). Entretanto, em seu lugar, foi surgindo o discurso de solidariedade, que ganhou força em 1970. Neste discurso, o conceito de raça é reintroduzido no Brasil sob influência estadunidense com a finalidade de criticar o discurso da mestiçagem e dissociar os grupos socioculturais fundidos na simbologia da nação mestiça. Para Costa (2001), no Brasil contemporâneo surgiram identidades culturais que valorizavam suas raízes étnicas. Os quilombolas, por exemplo, preservam suas próprias formas de vida e, nesse sentido, o movimento negro passa a defender o discurso político de etnia. Tal argumento remonta o mito de uma ancestralidade compartilhada de memórias históricas, isto é, de um senso comum de solidariedade.

Assim, a retomada do conceito de raça se transforma em instrumento de mobilização política, em construção discursiva, que deve fazer dos diferentes estratos populacionais afrodescendentes, do ponto de vista sociocultural tão diversos entre si, um coletivo político capaz de enfrentar as desigualdades raciais (COSTA, 2001, p. 151). A reintrodução do discurso de raça tende a valorizar a ideia da cor da pele vinculada a traços físicos daqueles que têm ascendência africana, pois a mobilização política dos negros apenas pela origem genealógica é impossível de ocorrer no Brasil por existir muita mistura biológica (COSTA, 2001). Com isso, o movimento negro utiliza de indicadores como renda, escolaridades e até mesmo estatísticas sobre assassinatos para demonstrar o desfavorecimento sistemático de grupos de pele escura, bem como para afirmar que a ideologia da democracia racial, qual seja de harmonia entre indivíduos de classes, sexo e raças distintas, é uma utopia.

No entanto, essa rediscussão da raça ainda é incipiente na mídia, pois as formas simbólicas veiculadas são atravessadas pela cultura. Assim, as representações da população negra são perpassadas por relações de poder, as quais influenciam na própria formulação do discurso transmitido.

Araujo (2010), em seu livro “A Negação do Brasil – o negro na telenovela brasileira” apresenta um estudo sobre a presença do negro na telenovela, mostrando que atores e atrizes afro-brasileiros foram incorporados de forma regular na história da telenovela como representação de uma natural subalternidade racial e social, portanto, como estereótipos de si mesmos. Para o autor, no período 1963-1997, a TV brasileira manteve esse discurso sustentado pelo paradigma do branqueamento.

Na reestruturação “modernizadora” do imaginário brasileiro, a produção televisiva contribuiu com um elogio permanente às características estéticas do segmento eurodescendente, reafirmando uma espécie de vitória simbólica da ideologia do branqueamento. Este construto, criado pelas elites no final da escravidão, norteou um universo ficcional com pretensa representação do real, marcado por personagens brancas, altas e magras, que nunca fez jus à maioria da população que circula pelas ruas das nossas metrópoles” (ARAUJO, 2010, p.27).

Para Araújo (2010), a representação dos atores negros em quase 50 anos da história da telenovela brasileira também trouxe à tona a decadência do mito da democracia racial. Apesar de uma lenta mudança nos últimos anos, as representações são constantemente produzidas e reproduzidas na mídia atravessadas pela estética do

branqueamento que está presente no subconsciente da sociedade e na cultura brasileira. O discurso estratégico do branqueamento¹¹ seria então utilizado para reforçar e valorizar a mestiçagem, ideologia fortemente presente e comum na construção da identidade nacional da maior parte dos países latino-americanos.

Entretanto, essa naturalização da representação do padrão ideal de beleza como sendo um padrão não negro, permitiu a exclusão de outros segmentos raciais étnicos do Brasil. Araújo (2010) vai argumentar que a mídia brasileira, sobretudo a televisão brasileira, convive com a reprodução de estereótipos e com a ausência de uma pluralidade que reflete a diversidade sociocultural de diferentes regiões do país¹². Assim, Araújo (2010) reconhece que há um choque de opiniões e perspectivas raciais, no entanto, avalia que o debate étnico racial do país, ainda que com alguns avanços nos últimos anos, se mantém na negação dos preconceitos de marca sofridos por afrodescendentes e indíodescendente, atestando, por conseguinte, uma dialética contraditória sobre o problema racial brasileiro. Para ele, o racismo é problema de toda a sociedade e a sua superação vai ocorrer por meio de “uma reeducação coletiva do nosso imaginário, dos nossos sentidos, da nossa afetividade, em direção a um conceito de nação multirracial onde a contribuição civilizatória não pode ser somente europeia” (ARAÚJO, 2010, p.20).

É exatamente a partir dessas controvérsias discursivas que foi possível comprovar a hipótese deste artigo. Ao verificar as mensagens extraídas das redes sociais procurou se compreender como os usuários defendem o conceito de raça, ou seja, da cor da pele negra, e criticam a ideia de democracia racial ou mestiçagem. Feito esse mapeamento procurou-se comprovar ou refutar a premissa de que a disputa discursiva em torno do seriado “Sexo e as Negs”, debatido na arena do Facebook, revela a tímida emergência do discurso da identidade racial negra brasileira.

¹¹ O autor afirma que a internalização da ideologia do branqueamento, provoca uma “naturalidade” na produção e recepção dessas imagens, e “uma aceitação passiva e concordância que esses atores realmente não merecem fazer parte da representação do padrão ideal de beleza do país.” (Joel Zito Araújo, 2010, p 149).

¹² Para ARAÚJO (2010), o modo em que operam as representações do negro nas telenovelas aponta que por várias gerações os afrodescendentes tiveram o seu imaginário afetado pela persistência de um racismo internalizado na cultura brasileira, nas estruturas sociais, na mídia, bem como no inconsciente coletivo e nas relações sociais, políticas e econômicas, que se manifestam através da reiteração de estereótipos negativos na representação do negro na produção audiovisual.

Procedimentos metodológicos

Para proceder a perspectiva teórica na área da Sociologia da Comunicação, recorre-se aos conceitos de esfera pública, ancorada no viés de democracia participativa, problematizada pelo autor Jurgen Habermas e revisitada pela feminista Nancy Fraser (2001), bem como dos conceitos de democracia digital. Por esfera pública burguesa entende-se os debates discursivos ocorridos em um espaço público delimitado no qual os indivíduos homens, brancos e heterossexuais em pé de igualdade desenvolvem processos de formação democrática da opinião pública e da vontade coletiva (HABERMAS, 1962).

Os debates realizados apenas por homens brancos em pé de igualdade foram relativizados por Fraser (2001), pois, segundo a autora, a esfera pública explicitada por Habermas deixou de problematizar os debates públicos promovidos pelos contra-públicos subalternos (CPS). Os grupos subalternos são formados por mulheres brancas burguesas, homens e mulheres negras, bem como por pessoas pobres de modo geral. Estes indivíduos expressavam interesses que chocavam com os valores dos homens brancos burgueses analisados por Habermas. Portanto, eles criticavam as ideias de igualdade formal proferida pelos homens brancos endinheirados e defendiam a igualdade material.

Acrescenta-se, ainda, neste trabalho o conceito de democracia digital e recepção. O primeiro, implica na utilização de ferramentas digitais por internautas (Facebook, Youtube, Twitter e outros) para dialogarem sobre diversos assuntos que interferem nas suas vidas diárias (ARTETON, 1987). Os internautas podem, por exemplo, por meio da internet, criticar governos por crises nas escolas, nos hospitais, nas milícias e exigir dos políticos profissionais respeito a bens públicos. Deslocando tal conceito para interpretar o objeto de estudo deste trabalho, busca-se investigar se os usuários da mídia eletrônica criticaram a maneira como os negros foram representados no “Sexo e as Negas” e, por sua vez, se exigiram dos movimentos negros uma interferência junto aos envolvidos com a produção do seriado.

No caso da recepção, compreende-se o conceito a partir dos trabalhos de Stuart Hall sobre mídia no movimento britânico e americano dos Estudos Culturais (EC) entre os anos 1970 a 1990, o qual fez um esforço para compreender a cultura de massa. Na perspectiva de Éric Maigret (2010), leitor de Hall, os EC's, por meio de uma

metodologia qualitativa que “congrega tradição literária, etnografia e sociologia da observação participante” (MAIGRET, 2010, p. 223) analisam os hábitos das classes populares.

A partir desses estudos detectou-se que o olhar dos pobres aos meios de comunicação opera de forma oblíqua, ou seja, não existe adesão forte dos pobres aos conteúdos midiáticos. Essa adesão opera pela ironia, desatenção e desconfiança. Tanto que Barbero (2013) observou que muitos dos telespectadores zombavam dos conteúdos veiculados na mídia. Desde então, os pesquisadores dos estudos culturais, defendem que a mídia não tem o poder de manipular o público, tal como alimentava a teoria hipodérmica.

Maigret (2010) reconta que Stuart Hall, ao analisar como os públicos consumiam as mensagens televisivas, elaborou três posições de recepção ou decodificações: a) Modo Hegemônico - a codificação do emissor é equivalente a decodificação do receptor. Isso se verifica quando o telespectador interpreta o sentido da mensagem com o mesmo significado veiculado pelo emissor; b) Modo Negociado - receptor aceita a definição da realidade veiculada pela mídia, mas adapta a mesma tendo em vista seu ambiente social e local. Isso leva o receptor a opor-se parcialmente a mensagem; c) Modo Oposicional - o telespectador opõe-se à ideologia veiculada. Ele mobiliza referências estranhas à codificação para contrariá-la, uma vez que adere a essas referências para criticar a codificação.

Além desses referenciais teóricos, foi utilizada a Análise de Conteúdo (AC) como aporte metodológico por ser de grande utilidade na pesquisa das comunicações de massas e mídia. Segundo Bardin (2006), a AC é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que faz uso de “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, para obter” indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”(BARDIN, 2008, p.42).

A técnica, segundo Bardin (2006), passa pelas fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nesta última, depois que ocorrem as dimensões da codificação e categorização, é fornecida, por condensação, “uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 2008,

p.119), os quais possibilitam as interpretações e as inferências, possibilitando uma análise explicativa e crítica do conteúdo.

Assim, a AC foi utilizada para verificar, interpretar os dados qualitativos e quantitativos extraídos de planilhas produzidas pelos integrantes do Grupo de Pesquisa (GP) “Midiaculturas, Poder e Sociedade”¹³. Os dados foram mesclados com as 87 postagens na página do Facebook: “Sexo e as negas, não me representa”.¹⁴ publicadas entre os dias 08 de setembro a 10 de dezembro de 2014, ou seja, antes e depois da estreia do programa.

Apesar da mudança do nome desta página do Facebook para “Pela Liberdade, me representa”, em 2016, o conteúdo anterior foi mantido. Naquele mesmo ano, o administrador da página analisada publicou um texto voltado aos seguidores explicando a alteração do nome e o seu objetivo, que é “lutar contra essa cruel cultura social que insiste em inferiorizar o povo negro através dos tempos”. Segundo ele, a justificativa para a nova nomeação se deu porque a página não surgiu apenas em oposição “a um programa de televisão de péssimo gosto”, mas pelos “comentários de centenas de pessoas, inclusive negros e negras, achando que não tínhamos sequer o direito de nos sentir ofendidas com a representação estereotipada e cômica da mulher negra na televisão brasileira”. Mais adiante explicou o propósito no Facebook: “Precisamos ser libertos, não mais dos grilhões, mas de tudo que nos impede de ser quem somos, de nos expressar, de sermos respeitados e reconhecidos diante da sociedade”.

Por fim, das 87 postagens no Facebook foram selecionadas apenas mensagens que dialogavam com os conteúdos veiculados pelo seriado “Sexo e as Negas”. Foram 62 menções específicas sobre o programa em setembro de 2014, inclusive com chamada para o boicote ao seriado, nas quais prevaleceram os seguintes temas expressivos e suas ocorrências: mulher (83), Miguel Falabella (45), racismo/racista (39), mulher negra (37), Rede Globo (28), boicote (26), estereótipo (14), preconceito (09), sexualidade

¹³ Vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (CPOP), do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná UFPR (PPGCP/UFPR), o GP utilizou o SPSS - um software de análise estatística - a fim de gerar tabelas de frequências simples em torno dos conteúdos explicitados pela ficção seriada. O GP mapeou os temas propagados, identificou se houve ou não viés neutro, progressista, conservador ou pejorativo e registrou quem teve o protagonismo nas cenas.

¹⁴ A coleta de dados no Facebook ocorreu em maio de 2016, pois a página “Sexo e as negas, não me representa” tinha 6.088 curtidas e o objetivo foi compreender o que foi propagado pela mídia televisiva e a recepção do produto. Com novo nome desde 27 de julho de 2016 a página tem hoje 5.845 curtidas.

(08), representação/representadas (07). Em outubro, novembro e dezembro daquele mesmo ano as postagens sobre o programa caíram para 1, 2 e 4, respectivamente.

Segundo alguns internautas, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), principal órgão de luta contra as desigualdades raciais e com expressivas “curtidas” dos diversos movimentos negros do Brasil, apoiou os facebookers¹⁵ na denúncia contra o seriado. A SEPPIR recebeu 117 denúncias, sendo 35 após a estreia do seriado *Sexo e as Negas*. A postagem da matéria com essa informação da denúncia recebeu curtidas de 103 pessoas e vários internautas enfatizaram a importância de se denunciar os casos de racismo veiculados pela mídia.

Desta forma, para refletir sobre essas controvérsias, o tema extraído como unidade de registro foi democracia racial (DR), objetivando estudar as motivações de opiniões. Os termos miscigenação, mestiçagem, ideologia, democracia racial, raça, machismo, pele clara e mulher negra se transformaram em categorias por fazer referência à DR. Assim, ao decodificar os dados do GP, mesclados com a análise das mensagens veiculadas no Facebook, também se investigou qual decodificação (recepção) prevaleceu.

Análise em torno da identidade nacional mestiça no facebook a partir do seriado “sexo e as negas”

Nas Mídias Sociais, alguns movimentos sociais negros acusaram Miguel Falabella de racista por estereotipar o corpo das mulheres negras no seriado “Sexo e as Negas”. Tal discurso teve repercussão em várias redes sociais, sobretudo o Facebook, pois inúmeros usuários puderam emitir sua opinião ou “curtir” os discursos de outros usuários (ARTETON, 1987) sobre a ficção seriada e tema ora analisado.

No seriado, Miguel Falabella valorizou narrativas em torno da mestiçagem e miscigenação. Num deles a personagem Gaudéria, mulher branca e com ideias preconceituosas, vive um drama: tem medo que a filha nasça preta, uma vez que se casará com um negro.

Gaudéria: ... Sabe o que eu tenho medo? É da menina nascer como o pai.

Jesuína: Vai ser uma mulata.

¹⁵ Etimologia criada para definir a pessoa usuária do site de redes sociais Facebook .

Big: Deve sair uma mistura interessante. (Episódio 13, O momento borboleta, 16/12/2014 - Seriado “Sexo e as Negas”).

Por outro lado, Miguel Falabella também buscou valorizar o discurso da união estável entre negros. A personagem Zulma, por exemplo, que trabalha para a atriz branca Leonor, é filha de mãe e pai negros, e casou-se com o personagem Elder¹⁶, com quem teve um filho. O diálogo a seguir mostra que, diferentes de muitas novelas, há o início da quebra de um ciclo da reprodução do ideal da miscigenação por meio da manutenção de casais inter-raciais, bastante propagados até então nas tramas televisivas da mesma emissora. Essa iniciativa acaba por incentivar o fortalecimento da identidade negra, pois a criança, filha de mãe e pai negros, dá origem à família negra e não miscigenada.

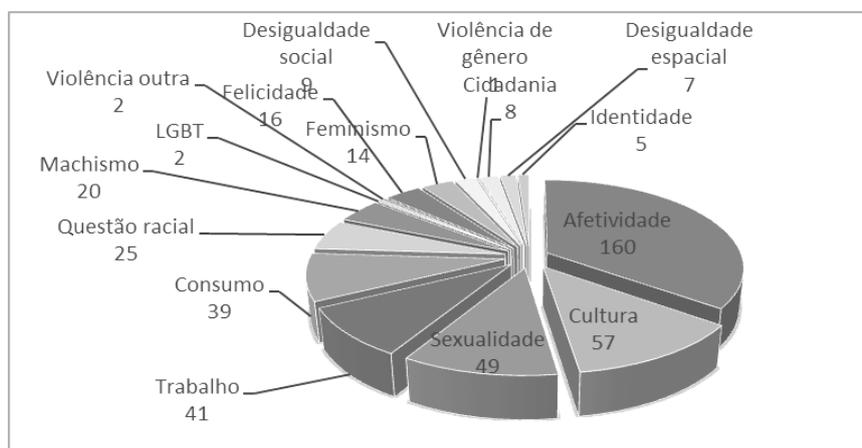
Leonor: parabéns pelo seu neto, ele é lindo.

Areno: muito obrigada, Leonor.

Elder: a enfermeira deixou tirar umas fotos enquanto ela trocava umas fraldas (Episódio 12, Ventos de mudança, 09/12/2014 – sexo e as negas).

Segundo os dados quantitativos apresentados na tabela a seguir, a questão da miscigenação foi abordada pela ficção seriada, por meio do tema ‘afetividade’, porém não foi à única questão discutida por Miguel Falabella. Houve a problematização de assuntos como cultura, sexualidade, trabalhos desempenhados pelas personagens, consumo de produtos e do modo de vida capitalistas e, entre outros, o preconceito racial, observado na temática ‘questão racial’.

TABELA 1: PORCENTAGEM DE TEMAS VEICULADOS PELO SERIADO



Fonte: Grupo de Pesquisa “Midiaculturas, Poder e Sociedade” (CPOP/PPGCP/UFPR).

¹⁶ Os atores que interpretam Zulma e Elder são considerados negros retintos

Na amostragem do GP Midiaculturas, Poder e Sociedade, a qual conta com 457 ocorrências, os quadros interpretativos em torno da afetividade prevaleceram no seriado, mas tais enquadramentos discursivos se afastam, bem como se aproximam dos vieses interpretativos descritos na obra “Casa Grande e Senzala”, uma vez que imperam nos diálogos em cena os vieses neutro, conservador e pejorativo. Os vieses progressistas somam apenas 41, tal como se vê a partir da tabela a seguir:

TABELA 2: PORCENTAGEM DE TEMAS VERSUS VIÉS¹⁷ VEICULADOS PELO SERIADO

| TEMA | NEUTRO | PROGRESSISTA | CONSERVADOR | PEJORATIVO | TOTAL |
|-----------------------|---------------|---------------------|--------------------|-------------------|--------------|
| Questão racial | 13 | 6 | 1 | 5 | 25 |
| Sexualidade | 38 | 3 | 4 | 4 | 49 |
| Machismo | 6 | 6 | 4 | 4 | 20 |
| Violência de gênero | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Violência outra | 2 | 0 | 0 | 0 | 2 |
| Feminismo | 9 | 2 | 0 | 3 | 14 |
| LGBT | 0 | 2 | 0 | 0 | 2 |
| Desigualdade social | 5 | 2 | 0 | 2 | 9 |
| Desigualdade espacial | 5 | 1 | 0 | 1 | 7 |
| Identidade | 4 | 1 | 0 | 0 | 5 |
| Consumo | 35 | 1 | 1 | 2 | 39 |
| Cidadania | 8 | 0 | 0 | 0 | 8 |
| Cultura | 49 | 3 | 2 | 3 | 57 |

¹⁷ O GP Midiaculturas compreende três tipos de viés predominantes nas cenas dos episódios do seriado: 1) crítico, contestador, progressista (em relação ao status quo/ à hegemonia / desigualdades/ ao racismo, misoginia, homofobia e outras fobias; meritocracia; ‘somos todos diferentes’); 2) para conservador (liberal/mantém moralidade/ordem/costumes – padrões capitalista, consumismo, de predomínio masculino, heterossexual, branco, respeito às diferenças, [mito] democracia racial, defesa miscigenação); 3) pejorativo, reproduzidor dos preconceitos, (que reforça/defende o status quo /o tom hegemônico/ desigualdade – enfatizando a hierarquia/ a superioridade de uns em relação outros; não aceitando os direitos humanos) e 0) para descritivo, neutro.

| | | | | | |
|--------------------|------------|-----------|-----------|-----------|------------|
| Trabalho | 40 | 1 | 0 | 0 | 41 |
| Felicidade | 11 | 3 | 2 | 0 | 16 |
| Afetividade | 130 | 10 | 12 | 8 | 160 |
| Total | 358 | 41 | 26 | 32 | 457 |

Fonte: Grupo de Pesquisa “Midiaculturas, Poder e Sociedade” (CPOP/PPGCP/UFPR).

Gilberto Freyre (2006) descreve a harmonia sexual, social e racial entre senhor de engenho e as negras, bem como a necessidade de se incentivar a união entre homens brancos pobres e pretas. No seriado, tais enquadramentos discursivos foram apropriados e ressignificados, uma vez que as relações amorosas entre homens brancos e mulheres negras foram descritas de forma harmoniosa, isto é, neutra. Num total de 160 segmentos de cenas veiculadas sobre afetividade, prevaleceram os vieses conservador (12) e pejorativo (8) com relação à união entre brancos e negros. Nesse sentido, o programa exaltou a democracia racial, mas não deixou de explicitar a existência do racismo no Brasil. A crítica à miscigenação revelou-se por meio dos índices numéricos do viés progressista, que somaram 10 registros.

As relações inter-raciais entre pardas (mulatas) e homens brancos de classes sociais baixas e altas estiveram explícitas quando, por exemplo, o personagem Oséias - um homem branco de classe média alta, na faixa dos 30 anos, que apresentava um grande acúmulo de capital cultural, nas palavras de Bourdieu (2008), se apaixonou por Matilde, que por sua vez era noiva de Adilson, homem branco pobre.

Adilson: Olha para mim, Tilde e diz que você ainda quer casar comigo.

Matilde: Você comprou o terno.

Adilson: Dividi no cartão. Vou fazer uns bicos aí. Você ainda quer casar comigo?

Matilde: Quero Adilson. Quero.

(Episódio 9, Sociedade de Consumo, 16/11/2014)

Enéas: Tá entregue.

Matilde: Obrigada

Enéas: Posso te ligar?

Matilde: Enéas, deixa eu te explicar uma coisa: eu meio que estou noiva.

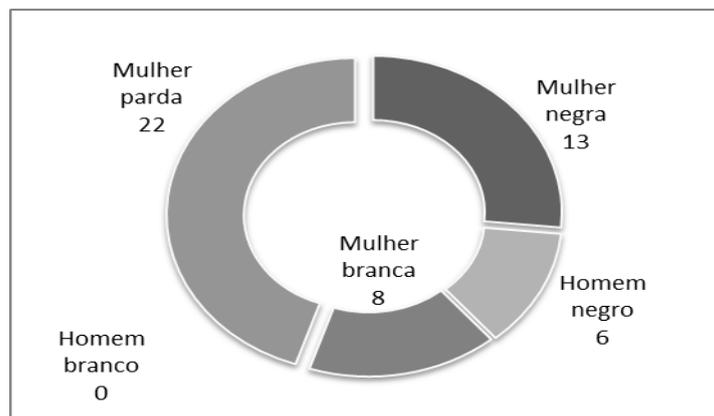
Enéas: Então eu posso te pedir um beijo?

Matilde: Beijo?

(Episódio 11, Alguns sonhos, 4/11/2014)

Nas mensagens acima se observa que é a personagem Matilde quem decide se quer ou não ficar com o homem branco. Fato que pode ser analisado melhor por meio dos dados a seguir:

TABELA 3: PROTAGONISTA VERSUS TEMA SEXUALIDADE



Fonte: Grupo de Pesquisa “Midiaculturas, Poder e Sociedade” (CPOP/PPGCP/UFPR)

Na tabela 3, nota-se que o seriado exaltou o discurso de que as mulheres pardas e negras são quem decidem acerca de sua liberdade sexual. Dos 49 segmentos sobre sexualidade, 22 mostraram o protagonismo das mulheres pardas, seguidas das mulheres negras. Juntas, pardas e negras dominaram as cenas no que tange à liberdade sexual, tal como indicam os trechos a seguir:

Soraia: Acho que vou perder meu emprego. Transei com meu patrão
Soraia: Transei com Lagarto também, Lia.
Soraia: Já me confessei. Estou mais aliviada, amém.
Zulma: Eu não peguei ainda, mas estou pensando em pegar um ator da peça.
Zulma: Vou sair com ele amanhã.
Matilde: Quase peguei o dono da empresa.
Lia: Eu peguei o Alaor. Tive uma recaída (Episódio, 3 Narciso Negro, 7/10/ 2014).

No diálogo acima, a mulata Soraia confessa ter mantido relações sexuais com seu chefe, homem branco e rico, bem como com Lagarto, homem branco pobre. Já Zulma, diz que “pretende sair” com um colega de trabalho branco. Fato que realmente se sucedeu na sequência dos capítulos. Matilde, por sua vez, diz ter “quase ficado” com um homem negro, dono de uma empresa, mas não o fizera porque o homem negro

preferiu outra mulher negra. Por fim, Lia disse não ter resistido ao charme do seu ex-marido Alaor. As nuances presentes nos discursos das personagens não foram diagnosticadas nos enquadramentos discursivos veiculados pelas diversas esferas públicas espalhadas pela sociedade civil.

O enquadramento discursivo de que a democracia racial é um mito foi veiculado pelos movimentos negros após 1970. No entanto, quando o seriado é analisado, observa-se que as personagens, apesar de valorizarem a ideologia da democracia racial, não se casaram ou se tornaram amantes apenas de homens brancos pobres ou ricos, tal como descrevera Freyre (2006). Todas elas, por meio do seu trabalho, tal como mostra a tabela 1, exaltaram o discurso da mulher independente financeiramente.

As personagens também criticaram o discurso do machismo (tabela 1). As 20 ocorrências sobre esse tema representaram 4,4% dos temas discutidos pelo programa. Predominou no seriado um viés progressista (tabela2) com relação à ideia de que a mulher deve-se curvar a uma sociedade que exalta os valores do sistema patriarcal defendido por Freyre (2006).

Para sustentar a hipótese levantada, isto é, de que está ocorrendo a emergência de uma identidade negra que se contrapõe a ideia de identidade mestiça harmoniosa nos moldes descrito por Gilberto Freyre, comprova-se que os internautas criticam a ideia de mestiçagem harmoniosa por meio das mensagens retiradas do Facebook.

O dilema da personagem Gaudéria, exposto no início dessa análise, parece remontar os quadros interpretativos em torno do conceito de raça discutido por diversos intelectuais brasileiros na esfera pública burguesa no período colonial. Naquela época prevalecia a ideia de que o belo, o ético e o inteligente faziam parte apenas da raça branca (MUNANGA, 2008). No entanto, o Facebook demonstra que as narrativas discursivas são ao longo do tempo “reproduzidas, apropriadas, deslocadas e transformadas enquanto outras são inventadas” (CORCUFF, 2001, p. 27), pois alguns internautas aceitaram o conceito de raça, mas com ressalvas: *“raça existe... e o racismo existe por que ele está embutido em uma ideologia dominante, a qual age no inconsciente do indivíduo, da sociedade, e isto precisa ser destruído”* (Mulher, Facebook, 19/09/2014).

No tocante à relação afetiva entre casais negros, vale lembrar que no século XIX a união entre negros era proibida, pois o governo brasileiro temia o aumento do número

de habitantes pretos, por conta de possível revolta dos escravizados com a abolição da Lei Áurea (MISCOLCI, 2013). No Facebook não houve a problematização dos quadros discursivos em torno do tema da união entre os negros, mas do casamento inter-racial, sim: *Meu pai é negro, um negro lindo! Como muitos que conheço, a minha vida toda fomos vítimas de preconceito por minha mãe ser loira e eu pele clara, posso está dizendo besteira, e peço desculpas se o for, qual a diferença de chamar um goleiro de macaco e chamar nós mulheres negras com essa forma desrespeitosa?* (Mulher, comentário no Facebook, em 19/09/2014).

No comentário acima a usuária da rede social inseriu uma nova problemática, qual seja o discurso de que ela e a mãe sofrem preconceito. Discurso que não foi bem acolhido pelos internautas, uma vez que não teve “indicadores de diálogo, reciprocidade e argumentação” (GOMES, 2011, p. 14). O discurso da internauta assemelha aos enquadramentos argumentativos veiculados pelo antropólogo Roberto Da Matta (1997), que afirmou que embora exista racismo contra o negro, não se deve levar em consideração somente esse fato, uma vez que pessoas de outras cores também sofrem preconceito. Nas suas palavras, o Brasil deve valorizar “mais a confissão humana – sofrimento, culpa, pecado, caridade, amor, etc. – como explicadores da situação social de cada um, mais do que a própria raça, como ocorre nos Estados Unidos” (DA MATTA, 1997, p. 73).

Nas arenas discursivas reinaram três quadros interpretativos bem específicos. No primeiro, as mulheres negras acusam os homens negros de preferirem as brancas para o matrimônio (SOUZA, 2008). No segundo, a mulher negra foi estuprada pelo colonizador, e este prefere a mulher branca para casar, negra para trabalhar e parda para fornicar (MUNANGA, 2008). E por fim, o viés de que:

As negras foram estupradas no Brasil. A miscigenação se deu pelo estupro. Foi algo absolutamente forçado. Gilberto Freyre, que hoje é completamente renegado, mostra que isso se deu de uma forma muito mais consensual e que, felizmente, isso levou o Brasil a ter hoje essa magnífica configuração racial (NOTAS TAQUIGRÁFICAS – DEMÓSTENES TORRES).

O quadro interpretativo de Demóstenes Torres se aproxima dos quadros discursivos da nação mestiça, que por sua vez, se assemelham com as falas das personagens. No Facebook a internauta criticou o discurso da ideologia da democracia racial, isto é, da nação mestiça qualificando-a de mito, uma vez que a mesma vigora no

Brasil: *“Venho denunciar a TV Globo de Televisão por mais uma vez associar a imagem da mulher negra a estereótipos que há muito tempo estão arraigados no imaginário do povo brasileiro, devido à falsa noção de democracia racial, ao racismo e ao preconceito”* (Mulher, Facebook, 17/09/2014). Outra usuária afirmou: *“movimentos como esse aqui vão ajudar a derrubar um "mito" pro qual um monte de pela-saco paga pau!”* (mulher, Facebook, 10/09/2014).

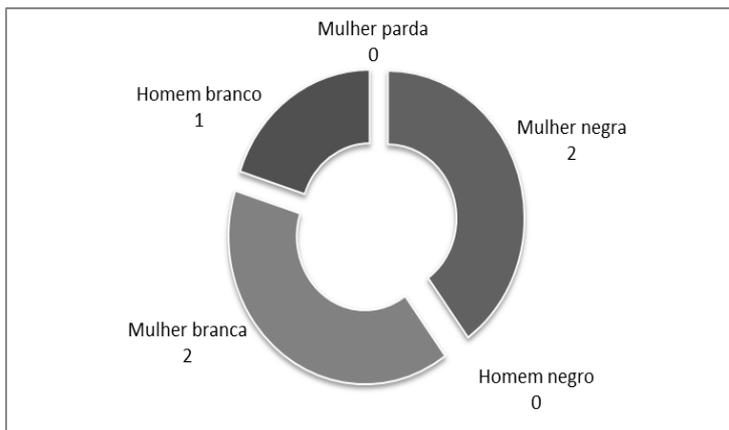
As internautas também denunciaram o racismo e o machismo presentes no seriado: *“o país é racista e machista, no qual as negras carregam o estereótipo de que servem para F**der, como retratou Gilberto Freyre em ‘Casa-Grande & Senzala’. O país é racista, machista, colonialista e vários outros "istas" que podemos enquadrar”* (Mulher, Facebook, 19/09/2019).

Muitos deles (internautas) demonstraram repúdio à Rede Globo de Televisão, emissora responsável pela veiculação do seriado, e convocaram boicote: *“Boicote a Rede Globo e seus programas que subestimam a nossa inteligência”* (Mulher, Facebook, 9/09/2016); *“Organizações do movimento negro fazem campanha de boicote na web. A nova série da TV Globo, ‘Sexo e as Negras’, ainda não estreou, mas já está causando”* (Mulher, Facebook, 9/09/ 2014); *Boicote sim, só com os comerciais já sabemos o que vai passar”* (Mulher, Facebook, 12/ 09/ 2016).

No tocante a isso, ainda tiveram alguns internautas que disseram ter assistido o programa e verificado que inexistia preconceito na ficção seriada. *“Fala da luta de quatro mulheres que sonham, que buscam amor ideal.”* (Homem, Facebook, 9/09/ 2016); *“Assisti sim e não vejo deformação moral das negras do nosso país”* (Homem, Facebook, 17/09/ 2014); *“Tô lendo tudo, eu não quero ser injusta, não gosto de Miguel Falabella”* (Mulher, Facebook, 17/09/2014).

Por fim, como foi observado nas tabelas acima, o programa abordou a complexidade dos quadros interpretativos que envolvem, sobretudo, a mestiçagem. Nesse sentido, o seriado, deu pouco espaço para o quadro discursivo em torno da valorização da identidade negra, tal como reivindica alguns dos movimentos sociais negros. Entretanto, pode-se dizer que a identidade das mulheres negras foi tão valorizada quanto a das não negras durante os 13 episódios do seriado, conforme explicita a tabela 4.

TABELA 4: PROTAGONISMO VERSUS IDENTIDADE



Fonte: Grupo de Pesquisa “Midiaculturas, Poder e Sociedade” (CPOP/PPGCP/UFPR)

Os dados da tabela 4 se aproximam dos quadros discursivos de que no Brasil há uma identidade mestiça, formada pela junção de brancos, negros e índios (FREYRE, 2006). Por isso, como afirma Ali Kamel (2006), não faz sentido exaltar uma ou outra identidade isoladamente. E o pensamento de ambos os autores estão refletidos no seriado *Sexo e as Negas*. No entanto, é preciso ressaltar o surgimento de um discurso contrário a este dois e que é proferido por alguns líderes de movimentos negros. Como afirma Dora Lucia Bertulio (1997), tais movimentos defenderam que o IBGE deveria englobar “pretos e pardos nos atuais formulários oficiais” (BERTÚLIO, 1997, 204) como negros.

A reivindicação de uma identidade negra foi exaltada por alguns facebookers, como pode ser expresso nestas declarações: “*Quero ser reconhecida e respeitada pela mulher preta que sou: (Mulher, Facebook, 13/09/2014)*”; “*Sou mulher sou negra, mereço respeito... Sou negra, tenho orgulho de minha cor e vergonha dessa rede de televisão do meu país*” (Mulher, Facebook, 9/09/2014).

Apontamentos finais

O seriado “*Sexo e as Negas*” não reproduziu apenas sexualidade e estereotipificação, tal como afirmaram alguns líderes dos movimentos sociais negros nas redes sociais. A ficção seriada apresentou os conflitos e controvérsias envolvendo a questão do trabalho, afetividade, machismo, racismo, entre outros, tal como revela os

dados das tabelas 1, 2, 3 e 4. No entanto, os facebookers, em sua maioria, criticaram o programa com a justificativa de que o título do seriado, por si só, já era preconceituoso.

Além da denúncia à Seppir, internautas elaboraram, ainda, uma petição pública que contava à época, com aproximadamente 715 assinaturas contra o seriado. Entretanto, vale assinalar que na página do Facebook não há indicadores de diálogo direto entre movimentos negros e usuários.

A recepção foi entendida neste artigo como a forma como os facebookers consumiram as mensagens televisivas veiculadas no seriado. Com esse diagnóstico, pode-se afirmar que não houve um debate vigoroso por parte dos internautas (ARTETON, 1987) acerca do seriado, pois, como visto anteriormente, poucas pessoas disseram ter assistido o conteúdo da ficção seriada na íntegra. Os internautas, na maior parcela das vezes, apenas curtiram as mensagens veiculadas pelos seus colegas facebookers - não fomentando o diálogo crítico (GOMES; MAIA; MARQUES, 2011). Entretanto, o estudo pode ser aprofundando por meio de entrevistas com internautas para ampliar o entendimento do que eles pensam sobre o seriado, pois as mensagens no Facebook indicaram que a maioria fez críticas sem ter assistido ao seriado, o que deixa incompleta uma posição quanto a uma das três formas de decodificação (recepção) proposta por Stuart Hall.

A análise realizada das mensagens do Facebook leva a afirmar que a disputa discursiva em torno do seriado “Sexo e as Negras” revela a tímida emergência do discurso da identidade racial negra brasileira, mas também mostrou que é possível identificar nos embates, a contraposição entre a imagem hegemônica de identidade nacional mestiça e a emergência de uma identidade negra brasileira. Negros (pardos e pretos) estão contrapondo a ideia de identidade mestiça harmoniosa nos moldes descrito por Gilberto Freyre, uma vez que alguns internautas reproduziram quadros discursivos muito semelhantes aos defendidos pelos movimentos negros que autoproclamam o fortalecimento da identidade negra.

Portanto, diante do exposto em torno do debate sobre o seriado, talvez fosse interessante investir mais na exegese da identidade nacional mestiça brasileira versus a negra utilizando, sobretudo, os estudos de Stuart Hall em torno do conceito de identidade fluida e instável na era contemporânea (2005).

Referências bibliográficas

ARTERTON, Christopher. **Teledemocracy: can technology protect democracy?** Newbury Park, CA: Sage, 1987.

ANDERSON, Benedict: **Comunidades Imaginadas**. São Paulo. Cia das Letras, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BERTÚLIO, Dora Lúcia de Lima. O enfrentamento do racismo em um projeto democrático: a possibilidade jurídica. In: SOUZA, Jesse (org). **Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil – Estados Unidos**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

BRASIL. Planalto. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília, 2010.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BRASIL. **Supremo Tribunal Federal (STF). Notas Taquigráficas da Audiência Pública sobre Ação Afirmativa no STF**, 2010. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=processoAudienciaPublicaAcaoAfirmativa>>. Acesso em: 20 ago 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP: Porto Alegre: Zouk, 2008.

CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias: construções da realidade social**. São Paulo: EDUSC, 2001.

CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, v. 6/7, p. 35-50, 1996.

DA MATTA, R. Notas sobre o racismo à brasileira. In: SOUZA, Jesse (org). **Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil – Estados Unidos**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

FERES JÚNIOR, J. ; DAFLON, V. T. ; CAMPOS, Luiz Augusto . **Cotas no STF: Os argumentos como eles são. Insight Inteligência** (Rio de Janeiro), v. 12, p. 124-136, 2010. Textos para discussão GEMAA (IESP-UERJ). Disponível em: <<http://gemma.iesp.uerj.br/category/textos-para-discussao/>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

FACEBOOK. **Sexo e as negas, não me representa**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Pela-Liberdade-me-representa-700438730048409/>>. Acesso, 20 ago. 2016.

GOMES, Igo Bergamo Anjos. **A ameaça simbólica das cotas raciais na mídia brasileira: o negro nas telenovelas**. São Luís: UFMA, 2008. Disponível em:

<<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/591/1/IGOR%20BERGAMO%20ANJOS%20GOMES.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2017.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

FRASER, Nancy. (2001). “**Repensando la esfera pública: una contribución à la crítica de la democracia actualmente existente**. In: CRAIG, Calhoun (org). "Habermas and the Public Sphere". The MIT Press, Cambridge, Massachusetts and London, England 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Wilson; MAIA, Rouseley Celi Moreira; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GUIMARAÊS. A. S. A. **A questão racial na política brasileira: os últimos quinze anos**. Revista Tempo Social, São Paulo, v. 13, n.2, p. 121-142, 2001.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigações Quanto a uma Categoria da Sociedade Burguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003 [1962]

HALL S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

MOEHLECKE, Sabrina. **Ação Afirmativa: História e Debates no Brasil**. Cadernos de Pesquisa. n. 117, p. 197-218. São Paulo: FGV, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000300010>. Acesso em: 07 mai.2014.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NOGUEIRA, ORACY. **Tanto preto quanto branco. Estudos de relações raciais**. São Paulo: 1985.

KAMEL, Ali. **Não somos racistas: Uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

MISCOLCI, Richard. **O desejo da nação - masculinidade e branquitude no Brasil de fins dos séculos XIX**. São Paulo: annablume editora, 2013.

SILVA, R.L. **O desenvolvimento da teledemocracia e da cibercidadania no Brasil: o uso das tecnologias da informação e comunicação pelo Poder Executivo Federal**. In: XXI Encontro Nacional do CONPEDI/UFU, 2012, Uberlândia. Anais do XXI Encontro Nacional do CONPEDI/UFU. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012

SOUZA, C.A.S. A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. São Paulo, 2008. 174f. Dissertação (mestrado em Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TRINDADE, A. D. Questão nacional e Questão racial no pensamento social brasileiro. In: Hilton Costa; Paulo Vinícius Baptista da Silva. (Org.). **Olhando para nós mesmos: alfabetização da diáspora e educação das relações étnico-raciais.** Curitiba: NEAB / UFPR, 2014.